



Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 3

Aline Ferreira Antunes
(Organizadora)



Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Metodológicos na Pesquisa em História 3

Aline Ferreira Antunes
(Organizadora)

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobbon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Pluralidade de temas e aportes teórico-metodológicos na pesquisa em
história 3

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Kimberly Elisandra Gonçalves Carneiro
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Aline Ferreira Antunes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P737 Pluralidade de temas e aportes teórico-metodológicos na pesquisa em história 3 / Organizadora Aline Ferreira Antunes. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-905-9

DOI 10.22533/at.ed.059211903

1. História. I. Antunes, Aline Ferreira (Organizadora). II. Título.

CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

O livro *Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 3* está dividido em três volumes. Todos os capítulos tratam de temas relacionados à história do Brasil e ou geral.

Organizado em grandes temáticas, as obras trazem discussões sobre história, gênero e sexualidade; ensino de história em todos os níveis (educação infantil, educação básica e ensino superior); pesquisas historiográficas; capítulos sobre lutas pela terra no Brasil; estudos sobre gastronomia (brasileira e árabe); cinema; economia; imprensa; raça; memória; narrativas pessoais e estudos de personalidades; tecnologia; história e ciência, dentre outras temáticas.

Em suma a obra é uma grande possibilidade de descobrir o que se tem de novo e de velho na História, ou seja, os mais diversos trabalhos e temas pesquisados na historiografia.

No volume I encontramos artigos sobre o século XIX e XX no Brasil a respeito do nacionalismo, a construção da sociedade imperial e pensar a identidade nacional a partir de processos migratórios.

Além disto, capítulos dedicados a estudos com fontes de atas de conselhos em Sergipe, problematizações sobre o tráfico africano, fontes cinematográficas, testamentos e até mesmo fontes utilizadas para compreender o reinado de Ramessés III no Egito.

Por fim o primeiro volume se encerra com dois artigos sobre a Idade Medieval, um tratando de Beowulf e outro da Cocanha.

Já no volume II as temáticas mais amplas abarcam pesquisas sobre ensino de história, alguns trabalhos sobre história geral e também gastronomia. Iniciando com trabalhos sobre o PIBID e práticas avaliativas, o segundo volume traz capítulos que versam sobre a construção do processo ensino aprendizagem em História, refletindo sobre os desafios e algumas perspectivas. Além disto, um capítulo sobre a BNCC, atual e articulado às discussões presentes partindo da realidade posta na rede pública.

Em um segundo momento, o volume II traz amplas contribuições a respeito do ensino sobre a África em sala de aula bem como questões étnico-raciais e narrativas em disputa.

Seguindo o modelo do primeiro volume, este se encerra trazendo capítulos que versam sobre as mais diversas fontes de pesquisa em História, como arquivos públicos, periódicos, imprensa, literatura,

O livro termina com algumas reflexões a respeito da história da ciência e pesquisas sobre gastronomia.

O volume III dedica-se a reflexões sobre gênero em sala de aula, representações do feminino, o retrato da mulher na sociedade colonial brasileira, a insubmissão feminina e discursos contra hegemônicos e a sexualidade indígena. Este último capítulo faz a ponte com o tema seguinte: disputas sobre a terra no Brasil e na América do Sul.

Em seguida você encontra capítulos sobre religiosidade, sobre a arte de curar, história e memória e história oral. O livro encerra com artigos sobre a Ditadura civil militar no Brasil (1964-1985) e uma discussão sobre a esquerda brasileira.

Em suma, você tem em mãos três obras organizadas sobre os mais diversos campos, aspectos e áreas da historiografia brasileira e mundial. Aqui você encontrará capítulos que poderão contribuir para enlanguescer as pesquisas em História e também a partilha de experiências docentes nos mais diversos níveis de educação.

Espero que encontre nas leituras dos capítulos embasamento teórico metodológicos, amparo nas pesquisas e que esses capítulos contribuam para enriquecer o campo de ensino e pesquisa em História.

Agora que a profissão historiadora/historiador é regulamentada, precisamos investir ainda mais em pesquisas e divulgação destas pesquisas. Neste sentido a Atena Editora se compromete a dar visibilidade aos mais diversos temas que compõem esta obra dividida em três volumes.

Boa leitura!

Aline Ferreira Antunes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
O PIBID COMO MEIO DE FORMAÇÃO E INSERÇÃO DE TEMAS LIGADOS A DIVERSIDADE CULTURAL	
Pedro Luiz Teixeira de Sena	
Tallita Erthal de Oliveira	
Thiago Gonçalves Carminte	
DOI 10.22533/at.ed.0592119031	
CAPÍTULO 2	10
UM OLHAR SOBRE AS PRÁTICAS AVALIATIVAS E A CONSTRUÇÃO DA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA NO ENSINO DE HISTÓRIA	
Carolina Bitencourt Becker	
DOI 10.22533/at.ed.0592119032	
CAPÍTULO 3	23
OS DESAFIOS DO PEDAGOGO DIANTE DE ALGUMAS PERSPECTIVAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA, NOS ANOS INICIAIS, DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Elisangela Leite Gavenda	
Maralice Maschio	
DOI 10.22533/at.ed.0592119033	
CAPÍTULO 4	39
OS DESAFIOS QUE A BNCC DO ENSINO MÉDIO TRAZ PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: OUVINDO PROFESSORES DA REDE PÚBLICA ESTADUAL	
Tuca Henrique Verçosa Carneiro de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.0592119034	
CAPÍTULO 5	51
PRÁTICA DOCENTE E ENSINO: O USO DO ESPAÇO DE MEMÓRIA DO <i>CAMPUS</i> DIANÓPOLIS PARA ENSINAR HISTÓRIA	
Michelle Melo Póvoa	
Debora Ribeiro Pereira	
Jorge Luís de Medeiros Bezerra,	
Antonio Guanacuy Almeida Moura	
DOI 10.22533/at.ed.0592119035	
CAPÍTULO 6	56
OS LIVROS DE HISTÓRIA DO COLÉGIO PEDRO II: REPRESENTAÇÃO E HOMOGENEIZAÇÃO DOS NEGROS (1914-1925)	
Cristina Ferreira de Assis	
Rhadson Rezende Monteiro	
DOI 10.22533/at.ed.0592119036	
CAPÍTULO 7	68
SONHAR WAKANDA: REFLEXÕES SOBRE A ÁFRICA EM SALA DE AULA	
Marcia Guerra	
DOI 10.22533/at.ed.0592119037	

CAPÍTULO 8	76
A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL NAS PÁGINAS DA REVISTA DO ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO PAULO: RETRATO DE NARRATIVAS EM DISPUTA	
Silene Ferreira Claro	
DOI 10.22533/at.ed.0592119038	
CAPÍTULO 9	89
RELATOS DE VIAGEM: CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS NA HISTÓRIA DA ÁFRICA OCIDENTAL PRÉ-COLONIAL	
Lucas Aleixo Pires dos Reis	
DOI 10.22533/at.ed.0592119039	
CAPÍTULO 10	96
HISTÓRIA DO BRASIL = DESIGUALDADES SOCIAIS ESTRUTURAL POR COR OU RAÇA	
Valdeir de Oliveira Prestes	
Heitor Flores Lizarelli	
DOI 10.22533/at.ed.05921190310	
CAPÍTULO 11	107
COLEÇÕES DO ARQUIVO PÚBLICO DE ITABIRITO: RELEVÂNCIA PARA A PESQUISA	
Marcelle Rodrigues Silva	
DOI 10.22533/at.ed.05921190311	
CAPÍTULO 12	127
A UTILIZAÇÃO DO PERIÓDICO COMO FONTE HISTÓRICA	
Dayane Cristina Guarnieri	
DOI 10.22533/at.ed.05921190312	
CAPÍTULO 13	135
IMPRENSA COMO FONTE E AGENTE HISTÓRICO: USOS D'A <i>MATUTINA MEYAPONTENSE</i> PARA UMA HISTORIOGRAFIA DA DECADÊNCIA	
Matheus de Araujo Martins Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.05921190313	
CAPÍTULO 14	149
O FIM DO SEGREDO: TUDO O QUE DEPENDER DO SIGILO PARA EXISTIR IRÁ ACABAR	
Cesar Palmieri Martins Barbosa	
Ricardo Kubrusly	
Miriam Abduche Kaiuca	
DOI 10.22533/at.ed.05921190314	
CAPÍTULO 15	157
A IMPORTÂNCIA DA CRIATIVIDADE COMPUTACIONAL PARA A LITERATURA GENERATIVA: REFLEXÕES SOBRE ARTE, CIÊNCIA E TECNOLOGIA NA <i>CIBERLITERATURA</i>	
Thalita Biazuz Veronese	
DOI 10.22533/at.ed.05921190315	

CAPÍTULO 16.....	163
A VARIEDADE EPISTEMOLÓGICA NA PESQUISA DO CIENTISTA VITAL BRASIL: UMA ARTICULAÇÃO COM AS CINCO TESES DE CESAR LORENZANO PARA A HISTÓRIA DA CIÊNCIA	
Waldemar Menezes Canalli	
Rildo Pereira da Silva	
Tereza Luzia de Mello	
DOI 10.22533/at.ed.05921190316	
CAPÍTULO 17.....	170
DUAS HISTÓRIAS INDISCIPLINADAS PARA REPRESENTAR DIFERENTES ABORDAGENS DA HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS E DAS TÉCNICAS E EPISTEMOLOGIA: O CABO MIDI E A EDIÇÃO NÃO LINEAR DE VÍDEO	
Marcia de Oliveira Cardoso	
DOI 10.22533/at.ed.05921190317	
CAPÍTULO 18.....	181
COZINHAS DE ESCRAVOS: COMIDA, SABORES E TRABALHO NO BRASIL	
Lorena da Conceição Querino Muchinski	
Valter Martins	
DOI 10.22533/at.ed.05921190318	
CAPÍTULO 19.....	191
O IMIGRANTE ARABE E SUA COZINHA COMO INSTRUMENTO DE AFIRMAÇÃO E IDENTIDADE NA ATUALIDADE	
Alfredo Ricardo Abdalla	
DOI 10.22533/at.ed.05921190319	
CAPÍTULO 20.....	201
ALIMENTAÇÃO E HOSPITALIDADE NO RIO GRANDE DO SUL OITOCENTISTA A PARTIR DE NARRATIVAS DE VIAGENS	
Everton Luiz Simon	
DOI 10.22533/at.ed.05921190320	
CAPÍTULO 21.....	222
O CAFÉ RUY E O RECIFE DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX	
Eliza Brito Santos	
DOI 10.22533/at.ed.05921190321	
SOBRE A ORGANIZADORA.....	235
ÍNDICE REMISSIVO.....	236

CAPÍTULO 6

OS LIVROS DE HISTÓRIA DO COLÉGIO PEDRO II: REPRESENTAÇÃO E HOMOGENEIZAÇÃO DOS NEGROS (1914-1925)

Data de aceite: 01/03/2021

Data de submissão: 08/12/2020

Cristina Ferreira de Assis

Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC
Ilhéus-Bahia
<https://orcid.org/0000-0002-7365-6823>

Rhadson Rezende Monteiro

Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC
Ilhéus-Bahia
<http://orcid.org/0000-0001-7992-6110>

RESUMO: O trabalho em questão originou-se de uma pesquisa realizada no sul da Bahia motivada por compreender como foram representados os negros nos primeiros livros didáticos de história produzidos no contexto do pós-abolição. Para isso, foram selecionados dois livros didáticos de História do Brasil utilizados no Colégio Pedro II. Atentando-se para o fato de que os livros foram recomendados a outras instituições de ensino do país, verificou-se que a adoção do programa de ensino carioca não era uma mera escolha. Sua imposição por parte do Estado brasileiro mobilizava professores e estudantes dos demais estabelecimentos de ensino a utilizarem o mesmo conteúdo, assim como o mesmo recurso didático, ainda que suas realidades e culturas escolares fossem bastante diversas do contexto político, social e cultural do Rio de Janeiro. Acrescenta-se ainda a esse cenário o advento das concepções republicanas, assim como o descaso com a emancipação dos

negros no processo de consolidação do sistema educacional. A escrita da história nesse período foi construída sob a perspectiva de uma unidade identitária homogênea, branca e influenciada pela cultura europeia, assim como pelos ideais eugenistas, desconsiderando-se assim a diversidade dos povos diaspóricos. A opção por livros escolares se alicerça na observação de que foram importantes meios de divulgação de valores, assim como não estavam isentos de concepções do período no qual foram elaborados. Alguns dos resultados da pesquisa revelam um período de transformações políticas durante as primeiras décadas da República e também de continuidades onde a classe intelectual dominante e política, especialmente a partir do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, queria extinguir do Brasil toda a lembrança da África que respectivamente se remetia ao período escravocrata.

PALAVRAS - CHAVE: livros de história, República, negros, diáspora africana.

THE HISTORY BOOKS OF PEDRO II COLLEGE: REPRESENTATION AND HOMOGENIZATION OF BLACKS (1914-1925)

ABSTRACT: The work in question originated from a survey conducted in southern Bahia motivated by understanding how blacks were represented in the first history textbooks produced in the context of post-abolition. For this purpose, two textbooks on the history of Brazil used at Colégio Pedro II were selected. Paying attention to the fact that the books were recommended to other educational institutions in the country, it was

found that the adoption of the Carioca teaching program was not a mere choice. Its imposition by the Brazilian State mobilized teachers and students from other educational establishments to use the same content, as well as the same didactic resource, even though their realities and school cultures were quite different from the political, social and cultural context of Rio de Janeiro. Added to this scenario, the advent of republican conceptions, as well as the neglect of black emancipation in the process of consolidating the educational system. The writing of history in this period was built from the perspective of a homogeneous identity unit, white and influenced by European culture, as well as by eugenic ideals, thus disregarding the diversity of diasporic peoples. The option for school books is based on the observation that they were important means of disseminating values, just as they were not exempt from conceptions of the period in which they were prepared. Some of the research results reveal a period of political transformations during the first decades of the Republic and also of continuities where the dominant and political intellectual class, especially from the Brazilian Historical and Geographical Institute, wanted to extinguish Brazil's memory of Africa that respectively it referred to the slavery period.

KEYWORDS: history books, Republic, blacks, african diaspora.

1 | INTRODUÇÃO

Boa parte dos alunos da educação básica se imaginou um dia nos eventos históricos narrados em seus livros escolares. Contudo, a ausência de identificação e de pertencimento na História também pode se desdobrar na ausência e no distanciamento desses alunos com sua própria história. Foi pensando nisso, que a pesquisa originária deste trabalho teve início em 2019. Desta forma, buscávamos investigar os discursos presentes em livros didáticos de que narraram a história do Brasil após o período da Abolição. É preciso reconhecer, entretanto, as limitações da escola pública já amplamente discutidas em outros trabalhos sem que se possa ocultar da história a escolarização dos negros nesse período. Dito isso, salienta-se que o modelo excludente no qual a escola pública se firma não corresponde ao mesmo que dizer que negros, indígenas e mulheres não estiveram nas salas de aula no início do século XX.

Se utilizando dos livros de História enquanto fontes e objetos da pesquisa, nessa abordagem, a representação dos negros foi analisada mediante a um contexto político de legitimação dos ideais republicanos e de formação da identidade nacional. Para isso, essas fontes históricas foram relevantes para se compreender a cultura social de uma época, assim como também são consideradas produtoras de memórias uma vez que são referências para a periodização da escrita da história escolar (GASPARELLO, 2015).

Se por um lado, os livros didáticos por si só não (re) produzem ideais, por outro, ocupam espaços importantes por meio de suas representações e dinâmicas de circulação sociocultural e política. Ainda que na atualidade esse gênero literário atenda as exigências do Plano Nacional do Livro Didático-PNLD, criado em 1937, no passado os discursos em disputa no plano intelectual podem ser verificados entre as escolhas e os “não ditos”

presentes nos livros. Desta forma, pensando em como negros tiveram seu lugar na história brasileira, na transição entre Império e República, o artigo em questão também visa demonstrar a construção do imaginário nacional efetivado com o auxílio das instituições educacionais e de demais instituições sociais importantes objetivando definir ideias e ações com vistas ao fortalecimento da nação.

Os dois livros de História selecionados, além de utilizados no Colégio Pedro II foram amplamente difundidos e reeditados em todo o país até a década de 1960. Por sua vez, o Colégio Pedro II fundado no período Regencial, em 1837, deveria servir como modelo de instituição secundária, assim como a matriz curricular do ensino de história e deveria ser seguida em todo o país pelas demais instituições de ensino. No Colégio, atuavam os professores de história e autores João Ribeiro e Rocha Pombo, circunscritos em um espaço de disputas e tensões. Por isso, a opção pela análise de duas obras se alicerça no contraponto entre as narrativas e as mudanças políticas no período.

Há que se entender ainda como as representações dos negros africanos e afro-brasileiros fazem parte do inconsciente coletivo da sociedade atual e, sobretudo a dimensão que esse inconsciente possui sobre o surgimento de crenças e estereótipos. Conforme afirmou Choppin, a sociedade apresentada no livro escolar assemelha-se mais a uma sociedade ideal para o autor do que ela realmente foi (CHOPPIN, 2004). Ademais, pesquisas mais recentes ainda questionam a reprodução de narrativas hegemônicas após a promulgação da Lei 10.639/03 em análises de livros didáticos contemporâneos (ROZA, 2017).

Para Surya Barros (2018), são duas as explicações para justificar a invisibilidade dos negros na história da educação: a primeira de deve a ausência e ao desconhecimento de fontes para a pesquisa histórica sobre o assunto; a segunda se deve em virtude da interdição legal à matrícula e frequência de escravos ou libertos à escola. Também objetivou-se oficializar que a fundação da escola pública não contava com a presença de negros, o que segundo a autora seria o mesmo que pensar que este acesso só ocorreu mediante a expansão do ensino público em mediados da década de 1950. Contudo, a autora afirma que mediante a ampliação do uso das fontes, assim como da consolidação da dimensão racial nas pesquisas em História da Educação, novas possibilidades foram acessadas a partir da literatura, de fotografias, de manuscritos ligados a imprensa, de registros de irmandades e em associações e muitos outros. Assim, essas novas abordagens metodológicas têm contribuído também para a identificação de outras experiências educativas para além daquela formalizada pelo Estado.

Ressalta-se neste estudo que a apropriação do conceito de “representação” de acordo com Roger Chartier (2002), não representa o “lugar de fala” dos negros, mas aponta a necessidade de ressignificação de discursos que não foram neutros. Pelo contrário, possuíam interesses e estiveram inseridos em lugares de disputa.

Em suma, a organização deste trabalho será conduzida da seguinte forma:

inicialmente será apresentado um breve balanço histórico brasileiro no que tange aos ideais positivistas sobre a nação, civilidade, modernidade e progresso mediante ao surgimento da República (SCHWARCZ, 1993), assim como das perspectivas raciais sobre construção identitária (GILROY, 2001; HALL, 2003) sob a perspectiva pós-colonial. Posteriormente, serão apresentados os discursos presentes nos dois manuais de História do Brasil considerando-se o espaço político no qual sua produção se dava. Esperamos que a leitura contribua como um ato de denúncia acerca dos discursos hegemônicos que se disseminaram no pensamento social brasileiro nas últimas décadas.

2 | NAÇÃO, CIVILIDADE, MODERNIDADE E PROGRESSO: O NASCIMENTO DA PÁTRIA

A instituição escolar na modernidade materializava-se imbricada na formação dos Estados Nacionais. Mediante a tarefa de construir uma nação, a preocupação relacionava-se a sua identidade e aos resquícios da escravidão enquanto um problema social. No cenário econômico, em virtude do fim do trabalho escravo e da introdução do trabalho livre, especialmente na economia cafeeira, a vinda de imigrantes representava a ocupação dos espaços de trabalho ao passo em que os negros se viram libertos e com mínimas oportunidades de instrução e formação. A mudança da mão de obra escrava para livre, entretanto, não representou na prática e no imaginário social do período a inserção do negro enquanto cidadão. Esta divergência interessa na medida em que os espaços destinados aos negros nas cidades foram marginais, e na devida medida, houve o apagamento da existência deste sujeito na formação da sociedade brasileira (SCHWARCZ, 1993).

Entre os discursos elaborados pelos intelectuais brasileiros sobre a recente nação, havia a defesa de uma identidade nacional. O tema, já trabalhado por intelectuais de correntes teóricas diversas, vem sendo ressignificado pela perspectiva pós-colonial especialmente no que tange à identidade dos povos diaspóricos. Segundo Hall (2003), o processo de identificação tornou-se tão provisório, variável e problemático que produz um sujeito sem identidade fixa, essencial ou permanente. Assim, no contexto desta investigação, o conceito de identidade que norteará o trabalho será entendido como

[...] uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam [...] definida historicamente, e não biologicamente (HALL, 2004, p. 13).

Partindo desta concepção, o sujeito possui diferentes posições identitárias em diferentes momentos; identidades que não podem mais ser unificadas de forma homogênea, mas que, distintamente, são contraditórias, deslocando as identificações continuamente. Para entender o conceito de identidade no Brasil, há que se compreender os efeitos das representações e do uso estereotipado de narrativas sobre a África, sobre os africanos e os

afro-brasileiros, entendendo-se ainda a complexidade das relações entre os grupos étnicos que constituem a sociedade brasileira.

Embora as relações entre África e Brasil ultrapassassem a soma de 300 anos, na chegada da República, a classe intelectual dominante e política queriam extirpar do Brasil toda a lembrança da África que respectivamente remetia ao Brasil seu passado escravista. Por meio de teorias eugenistas, pretendiam afirmar a consolidação do país como uma nação onde a raça branca era valorizada e considerada como superior. Nesse sentido, a miscigenação como explicação para a diversidade brasileira era acompanhada do sentimento de deterioração justificando ainda os retrocessos brasileiros. A esse respeito, Lilia Moritz Schwarcz afirma que:

[...] se o conjunto dos modelos evolucionistas levava a crer que o progresso e a civilização eram inevitáveis, concluía também que a mistura de espécies heterogêneas era sempre um erro, que gerava não só a degeneração do indivíduo como de toda a coletividade (SCHWARCZ, 1993, p. 240).

Assim, as teorias raciais oriundas do século XIX que defendiam a superioridade branca frente às demais foram feridas tanto pelos debates a propósito das teorias, como pela entrada e a permanência dos negros e negras da diáspora e os africanos, ainda que sob a doutrina da assimilação, nessa mesma sociedade civilizada (GILROY, 2001).

Ser negro estava contra o desejo de unidade em uma identidade cultural única nacional, ainda que esse projeto não possa ser considerado um ponto de lealdade e identificação na cultura nacional. A esse respeito, Gasparello (2015) compreende a cultura nacional como um discurso que organiza tanto as nossas ações quando a concepção sobre nós mesmos, por meio da criação de símbolos e tradições.

Recorremos, nesse sentido, a Benedict Anderson (2009) ao dizer que a identidade nacional seria uma “comunidade imaginada”, representada a partir de uma narrativa ou de um discurso construído, podendo embasar-se na língua, nos hábitos de um povo ou na “raça”. A nação então seria socialmente construída e imaginada por pessoas que se sentem parte de um determinado grupo onde “o outro”, o estrangeiro, compõe o todo, mas é responsável por sua inferiorização.

Pensando na produção histórica articulada a um lugar de produção, o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro - IHGB foi responsável pela criação dos símbolos patrióticos de “exaltação e glória da pátria”, como por exemplo: monumentos, medalhas e hinos, segundo Schwarcz (2008). Ao produzirem narrativas favoráveis à necessidade do Estado, grupos de intelectuais ligados ao IHGB se empenharam em escrever a história da pátria que se formava propondo, para isso, um povo miscigenado, mas no caminho do embranquecimento. Por meio das literaturas e das histórias nacionais presentes em livros didáticos e em jornais impressos recorrentes a uma tradição, foi possibilitada uma identidade nacional marcada pelos mitos de origem, além de também ser uma forma do Estado se fortalecer.

Por sua vez, essa relação de identificação com a nação ocorre para que também seja gerado o sentimento de lealdade, patriotismo e pertencimento do povo ao Estado. Nesse sentido, Roger Chartier (2002) com o conceito de “representação” possibilita articular, de acordo com a sociologia de Durkheim e Mauss, as representações coletivas e as formas de exibição da identidade social ou os signos do poder, pensando no patriotismo a ser construído. Se por um lado, a pesquisa histórica surge em função de conjunturas e problemáticas comuns, por outro lado, ela exclui do discurso aquilo que é sua condição num dado momento, representando uma espécie de censura com relação aos postulados sociais, econômicos ou políticos na análise.

De acordo com Michel de Certeau (1982), antes de saber o que a História diz sobre uma sociedade há que se pensar como funciona dentro dela. Esta combinação entre permissão e proibição é o ponto cego da pesquisa histórica e é a partir dessa combinação que age o trabalho destinado a modificá-la. Nessa perspectiva consiste o esforço da nossa investigação.

O negro era visto sob uma visão determinista e fatalista quanto à sua impossibilidade de integração na sociedade mesmo após a abolição. Dentre os intelectuais, teorias raciais eram reforçadas com concepções positivistas e evolucionistas até a década de 1930 mediante a formulação do mito da democracia racial de Gilberto Freyre. A partir delas, os estados e instituições como o IGHB defendem a imigração de europeus brancos e “civilizados” como fator importante de civilização da nossa sociedade.

Desta forma, o ensino de história do Brasil nas primeiras décadas da Primeira República, marcado pela influência francesa, tinha a preocupação de expressar as ideias de nação e de cidadão fundamentadas na identidade comum dos seus variados grupos étnicos e classes sociais constitutivos da nacionalidade brasileira (GASPARELLO, 2015). Os reflexos desse contexto se verificam no Colégio Pedro II tendo papel fundamental para a criação de “uma série de valores dentre os quais o culto à nacionalidade, à disciplina, à moral e também ao trabalho” (GOMES, 1982, p. 152). Com efeito, este era o único estabelecimento de ensino autorizado a realizar exames parcelados para conferir grau de bacharel, indispensável para o acesso ao curso de nível superior (SCHWARCS, 1993). Assim, tal posição no sistema escolar legitimava a instituição como referência de colégio e de ensino, direcionando as demais instituições de ensino secundário a elaborarem seus currículos em consonância com o antigo ginásio.

Compreendendo o livro escolar enquanto um artefato histórico e cultural, Gasparello (2015) afirmava que ele era um veículo do saber institucionalizado na conformação do discurso histórico cuja modalidade “articulou fatos, suprimiu outros, enalteceu personagens e esqueceu tantas figuras anônimas que construíram nosso passado [...]” (GASPARELLO, 2015, p. 40). Na mesma direção, Moreira (2017) afirma que os livros são instrumento de políticas governamentais, isto é, são imbuídos de valores ideológicos e culturais que obedecem a técnicas de fabricação e interesses de mercado por meio dos conteúdos

educacionais.

Dito isso, há uma relação entre o texto, seu lugar de produção e seu uso. O que se precisa entender é que a apropriação depende dos recursos (que são desiguais) disponíveis aos indivíduos de acordo com suas condições econômicas e sociais. Dentre as maneiras que regulam as práticas de leitura, há que se pensar ainda os leitores que não dispõem dos mesmos utensílios intelectuais. Dialogando com Certeau, Roger Chartier (2002) afirmara que além da semântica de um texto, havia que se considerar suas formas, pois elas produzem sentido. Também é preciso considerar que a leitura é sempre uma prática ligada a gestos, espaços e hábitos.

Nesse sentido, retomando ao ensino de história do Colégio Pedro II na transição entre os séculos XIX e XX

serviu à continuidade de um modelo escolar que identificava o conhecimento com as humanidades clássicas, e tal modelo foi legitimado socialmente reforçando uma identidade de elite. Esta característica contribuiu para a unidade e para a identificação do grupo dirigente em relação a uma cultura considerada universal. Neste processo, os livros didáticos foram dispositivos que serviram para a longa continuidade desse modelo, ao consolidarem um roteiro temático que privilegiou o enfoque da identificação com as raízes históricas européias, associado a determinados marcos cronológicos do passado que teceram a trama genealógica da história escolar (GASPARELLO, 2015, p. 41).

Por isso, os discursos identificatórios possuem uma violência simbólica que tendem a ser legitimados pela população que se submeterá em prol da união e da solidariedade construída. E se as identidades são a representação de imagens construídas, é provável que cada nação crie modelos de identidade procurando homogeneizar culturas, línguas e um passado histórico que, na maioria das vezes, é diverso. Assim, da mesma forma como os sentimentos de unificação são criados, também são construídos, de forma homogeneizada, os preconceitos, a xenofobia e o ódio pelo outro.

3 | OS NEGROS NOS LIVROS DIDÁTICOS DA PRIMEIRA REPÚBLICA

João Ribeiro ficou conhecido pelo afastamento de uma história tradicional e política, ainda que em sua formação europeia tivesse contato com o historicismo alemão. Desta forma, privilegiou questões ligadas ao território brasileiro que até então eram desconsideradas. Tornou-se professor do Colégio Pedro II em 1890 na cadeira de História Universal e do Brasil. Na condição de autor, escreveu ensaios, ficção, crítica literária, autobiografias e história. Enquanto abolicionista e republicano escreveu artigos e colaborou como redator em jornais como *O Globo*, *Gazeta da Tarde*, *Correio do Povo* e *O País* e na *Revista Sul-Americana* ao lado de Felisberto Freire e Sílvio Romero.

Seu manual de *História do Brasil* foi publicado pela primeira vez em 1900, mas a edição em questão é de 1914 voltada para o curso superior e adotada no antigo Ginásio

Nacional, atual Colégio Pedro II. O professor da cadeira de História Universal no Colégio Pedro II assim como outros autores - professores daquela época escreveu seus livros escolares enquanto atuava como catedrático no Colégio Pedro II, num momento em que se valorizava a experiência no magistério para um melhor reconhecimento da obra. Dialogando com o modelo de Von Martius, dividiu e classificou as três raças existentes no Brasil: branco português, negro e índio. No capítulo “As três raças. A sociedade”, o autor fala sobre a obra da civilização deturpada pelo conflito de raças, disfarçado em democracia,

[...] fruto antes da luxúria que da piedade dos peninsulares. Desde o primeiro momento, o branco, o índio e o negro se confundem. O contacto das raças inferiores com as que são mais cultas quase sempre desmoraliza e deprava a umas e outras. Principalmente, porém, deprava as inferiores pela opressão que sofrem, sem que este seja o pior dos contágios que vem a suportar (RIBEIRO, 1914, p. 111).

O discurso acerca da miscigenação, ainda que diretamente não aponte as perspectivas da eugenia neste excerto, indica os malefícios da “mistura de raças” para a formação da sociedade, associando-se às influências das teorias raciais e eugenistas do início do século XX. Dito isto, o contato com as “raças inferiores” teria corrompido a sociedade brasileira em sua formação, novamente caracterizando que a miscigenação contribuía para a deterioração da identidade brasileira.

De acordo com a tese de Pina (2009), ao analisar a narrativa da escravidão, João Ribeiro prossegue, reforçando a justificativa de uma escravidão branda, “por ter representado para os negros uma melhoria das condições de vida, mesmo reconhecendo seus exageros” (PINA, 2009, p. 127). No excerto a seguir, é possível identificar a relação estabelecida sobre a pátria brasileira e o lugar dos negros nesse processo.

Não é nosso intento fazer a apologia da escravidão, cujos horrores principalmente macularam o homem branco e sobre elle recaíram. Mas, a escravidão no Brasil foi para os negros a reabilitação d’elles próprios e trouxe uma pátria, a paz e a liberdade e outros bens e paes e jamais lograriam gozar, ou sequer entrever no seio bárbaro da Africa (RIBEIRO, 1914, p. 244-245).

Diferentemente da análise de Pina (2009) centralizada nos discursos acerca da escravidão, evidenciamos as dimensões da representação dos negros em outros eventos da história brasileira, embora nossa análise se aproxime da realizada pela autora quando identificamos a estreita relação entre negros e escravos em outros momentos da narrativa.

Para Ribeiro, as “raças” possuíam atribuições inatas a sua condição. A inserção do negro africano como elemento na formação do povo, após a abolição, deu lugar à teoria da miscigenação. Ao lado desta, estaria a passividade, a ausência do espírito revoltoso e aptidão ao trabalho. Para Stuart Hall, a civilização europeia disseminava a incapacidade dos africanos se auto-governarem e “naturalmente” tiveram suas histórias facultadas aos benefícios da organização da sociedade brasileira sem sua identidade (HALL, 2003).

Nas palavras de João ribeiro, o negro é aquele a quem coube o trabalho braçal já que sua adaptação física era considerada “melhor” do que a dos brancos. Também não tinham capacidade para a vida política, assim como demais povos colonizados, sendo esse aspecto comum a ser forjado pela cultura europeia.

É claro que negros e índios, não poderiam ser senão a ocasião de desdém e de ódios que gera o escárnio dos superiores. A mulher de raça inferior não consegue ser dignificada nem mesmo depois de formada a raça mestiça. O próprio governo considerou por vezes uma infâmia o casamento promíscuo de brancos e negros (RIBEIRO, 1914, p. 112).

Desta forma, verifica-se a relação com o trabalho servil estabelecida segundo a narrativa do autor. Mas, não se trata de qualquer trabalho. Trata-se de uma ocupação subalternizada, um dever inferiorizado no qual os demais cidadãos brasileiros não possam ocupar.

História do Brasil, escrito em 1918, por Rocha Pombo e publicado em 1925, foi utilizado nas aulas dos dois últimos anos do curso secundário e, também deveria servir de material de consulta para professores do ensino primário e do ginásio. Porém, Rocha Pombo era adepto de uma concepção historiográfica pouco difundida nos livros escolares, a qual buscava se opor à influência da ideologia da civilização segundo o modelo proposto pelos intelectuais do IHGB. Ele rejeitava a narrativa histórica que exaltava a dominação europeia sobre os povos americanos, que deveriam, agora na concepção de Rocha Pombo, serem valorizados a partir de um maior aprofundamento nos estudos de sua história. Mas, será que os negros escaparam desses estigmas?

Em prefácio intitulado *Esta pequena história*, Rocha Pombo afirmara que era necessário criar o gosto pela nossa história, pois sem ela não haveria esforço que levantasse o nosso espírito de povo. Essa fala revela o espírito republicano empenhado em construir símbolos patrióticos, além de uma identidade brasileira presente principalmente entre os intelectuais da época como afirmara Schwarcz (2003). Segundo o professor e intelectual: “É necessário criar entre nós, antes de tudo, o gosto pela nossa história – sem o que, não haverá esforço que levante o nosso espírito de povo.” (ROCHA POMBO, 1925, p. 3). Era necessário mostrar como a história brasileira era bela, e como a pátria, feita, defendida e honrada pelos nossos maiores, era digna do nosso culto. Em outras palavras, o manual objetivava emergir o sentimento patriótico entre os alunos do ensino secundário da época.

Em seguida, para exaltar a construção desse espírito de povo, Rocha Pombo fala que para isso, há que se aliviar a massa dos fatos o contexto histórico, de forma que os fatos sejam narrados esclarecendo a consciência, infundindo sentimento e poupando a memória. Ao prosseguir com sua defesa, ele fala sobre a beleza e o culto à pátria e de como ela deve ser honrada com os seus maiores, numa clara referência aos heróis da pátria. Por fim, fala ainda sobre renovar a bibliografia das escolas e os lares julgando que este seja o esforço fundamental no sentido de levantar a alma da pátria. No que se refere

a ideia de povo brasileiro, Rocha Pombo afirma que

[...] o que se fez no Brasil não foi mais que um amálgama dos elementos mais degradados das três raças: – o índio, submetido pela força; o africano, rebaixado até a animalidade; – e o europeu, que vinha dos presídios, ou que se transportava para a América tangido de cobiça (ROCHA POMBO, 1925, p. 66).

Rocha Pombo descreve o caráter do povo brasileiro atento às discussões e polêmicas quanto à formação da nação ao dizer que os resquícios da escravidão ainda faziam parte da história brasileira. Nas palavras de Pina (2009), a identidade nacional brasileira segundo Rocha Pombo “foi fruto da unidade moral das três raças em torno do sentimento da pátria, que é localizado em vários momentos da nossa história [...]” (PINA, 2009, p. 135).

Como, sua obra foi escrita nos primeiros anos da Primeira República, ele dizia ser necessário enfrentar esse passado e procurar formas de encaminhamento sobre os problemas sociais decorrentes desse processo histórico ou omitir e deixar silenciado seu passado.

Os africanos na narrativa surgem como tema no capítulo dedicado aos protestos por meio dos quilombos e da abolição: “o africano, cuja natureza moral parecia como que estremecer e agitar-se nas vicissitudes da escravidão, deu no Brasil, como em quase toda a América, frequentes provas do grande vigor humano que trazia lá das suas misérias do continente negro.” (ROCHA POMBO, 1925, p. 156). Assim, concordamos com a tese de Pina (2009) ao dizer que na narrativa de Rocha Pombo há influência do negro em todos os aspectos da vida social na formação do país chegando até mesmo a ser “caracterizado como herói e superior ao índio” (PINA, 2009, p. 140). Contudo, Rocha Pombo não chega a mencionar Zumbi dos Palmares. Em suma, são mencionadas as manifestações pela liberdade dos negros e a Lei Áurea é retratada como desfecho de uma longa crise.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de cada obra também visou a tentativa de (re)leitura e de ressignificação da ideologia implícita nas mensagens transmitidas através dos estereótipos sobre os negros contidos nos textos e ilustrações. Por isso, levou-se em conta a articulação entre os autores e o contexto nos quais estavam inseridos na conjuntura nacional, pensando no “lugar de fala” dos autores parafraseando-se assim Chartier (2002). Desta forma, a análise foi conduzida percebendo a totalidade histórica na qual o objeto esteve inserido, assim como o movimento entre produção (autor) e difusão da obra (educação pública).

Negros, africanos e afro-brasileiros não estão dissociados da condição de escravizados durante as narrativas. Essa constatação também é evidenciada em estudos da arte sobre a história da educação dos negros como levantou Pombo (2018). Em suma, negros não possuem sobrenomes, permanecem ainda que em um contexto pós-abolição, retratados na condição de escravos e são mencionados basicamente em três períodos

históricos a partir das seguintes narrativas: na formação do povo brasileiro; na economia açucareira e aurífera e, por fim; no processo sobre escravidão e abolição – ainda que rapidamente como um capítulo de transição entre Império e República.

Partindo-se das análises, também foi possível verificar os objetivos do ensino de história disseminados a partir do Colégio Pedro II. Ainda que não houvesse um sistema educacional propriamente organizado e homogêneo em todo país, a indicação dos manuais a exemplo do antigo Ginásio Nacional está ligada ao conjunto das representações constituídas pelos diversos atores sociais sobre aspectos culturais e políticos do Brasil. Desta forma, o saber histórico escolar fortaleceu as expectativas do campo intelectual sob o controle do Estado por meio dos manuais didáticos que se tornaram veículo para a divulgação da imagem da nação construída e imaginada a partir da história referenciada no IHGB. Os alunos deveriam representar o ideal civilizacional dos vencedores e de uma nação superior segundo os moldes europeus.

Verifica-se que a presença do elemento negro como fator explicativo para a inferioridade racial, embora na contemporaneidade essa teoria já tenha sido desmistificada. No entanto, as novas edições dos manuais até os anos 1960, segundo Moreira (2017) implicam na reflexão sobre as apropriações que se seguiram pelas novas gerações de leitores. Assim, difundiu-se durante décadas um pensamento identitário excludente e homogeneizador de povo e raça.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BARROS, Surya Aaronovich Pombo de. **História da Educação da população negra: entre silenciamento e resistência**. Pensar a educação em revista. Ano 3, v.4, n.1 pp 3-29 Jan-Mar/2018. Disponível em: <http://pensaraeducacaoemrevista.com.br/2018/07/10/766/> Acesso em 04 de abril de 2020.

CERTEAU, Michel de. **A operação historiográfica**. In: A escrita da História. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre Práticas e Representações**. 2ed. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

CHOPPIN, A. **História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte**. Educação e Pesquisa. Vol. 30, n. 3. São Paulo, set/dez, pp. 549-566, 2004.

GASPARELLO, Arlette Medeiros. **A nação imaginada nos livros escolares do século XIX**. Revista Cadernos de História da Educação. Vol. 14, n. 1, jan./abr. 2015.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência**. 1ª ed. 34ª ed. Rio de Janeiro: Editora 34. Centro de Estudos afro-asiáticos/ UCAM, 2001.

GOMES, Ângela Maria de Castro. **A construção do homem novo**. In: OLIVEIRA, Lúcia L.; VELLOSO, Mônica P.; GOMES, Ângela M. C. Estado Novo: Ideologia e Poder, Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1982.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HALL, Stuart. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Tradução de Thomaz Tadeu e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2004.

MATTOS, Hebe. **O herói negro no ensino de história do Brasil: representações e usos das figuras de Zumbi e Henrique Dias nos compêndios escolares brasileiros**. In: ABREU, Martha; SOIHET, Raquel; GONTIJO, Rebeca (orgs.) *Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2007.

MOREIRA, Kênia Hilda. **Livros didáticos de história do Brasil para o ensino secundário (1889-1950): procedimentos de localização, seleção e acesso**. Revista Educação e Fronteiras On-Line. Dourados/MS. Vol.7, n.20, p.67-90, maio/ago. 2017.

PINA, Maria Cristina Dantas. **A escravidão no livro escolar de história do Brasil: dois autores exemplares, 1890-1930**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

RIBEIRO, João. **História do Brasil** (curso superior). 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1914.

ROCHA POMBO. **História do Brasil para o ensino secundário**. 19ª ed. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1925.

ROZA, Luciano. **Abordagens do Racismo em Livros Didáticos de História (2008-2011)**. Revista Educação & Realidade, 42(1), 13-34.2017. doi: 10.1590/2175-623661124.

SAID, Edward. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1995.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questões raciais no Brasil 1870-1930**. São Paulo: Editora Cia das Letras, 1993.

ÍNDICE REMISSIVO

A

África 5, 8, 3, 4, 8, 9, 56, 59, 60, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 89, 90, 91, 92, 94, 95, 182, 186, 187, 188, 189, 193, 194, 195, 204, 227

Alimentação 9, 5, 98, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 195, 202, 204, 210, 211, 216, 217, 218, 219, 221, 225, 230

Aprendizagem 7, 10, 11, 14, 16, 17, 21, 22

Árabes 193, 194, 195, 196, 197, 199

Avaliação 12, 13, 14, 16, 18, 19, 21, 22, 48, 117, 165, 173, 177

B

BNCC 5, 7, 27, 30, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50

C

Cibercultura 9, 158, 159

Comida 9, 182, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 199, 201, 211, 212, 215, 216, 217, 225, 235

Cozinha 9, 184, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 201, 216, 225

Criatividade 9, 19, 35, 158, 159, 160, 161, 162, 179

D

Desigualdades Sociais 8, 2, 96, 98, 99, 105

Disputa 5, 8, 43, 49, 57, 58, 76, 83, 85, 86, 117, 145

Diversidade Cultural 7, 1, 26

E

Ensino de História 5, 7, 1, 2, 9, 10, 11, 14, 15, 16, 17, 20, 21, 23, 26, 27, 30, 34, 38, 39, 43, 55, 58, 61, 62, 66, 67, 68, 70, 75, 114, 236

Epistemologia 9, 14, 164, 165, 168, 171, 180

Escravidão 7, 8, 59, 63, 65, 66, 67, 79, 80, 100, 104, 106, 137, 140, 182, 183, 191

F

Fontes 5, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 52, 57, 58, 79, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 99, 107, 110, 111, 115, 116, 122, 123, 130, 132, 134, 135, 136, 142, 146, 149, 150, 165, 215

H

História 2, 5, 6, 7, 8, 9, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 43, 44, 45, 46, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 73, 74, 75, 76, 80, 82,

85, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 102, 107, 108, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 120, 122, 123, 125, 127, 128, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 144, 148, 149, 151, 157, 158, 163, 164, 165, 166, 169, 171, 172, 173, 174, 176, 177, 180, 182, 184, 190, 192, 193, 199, 200, 201, 202, 204, 207, 208, 209, 210, 219, 220, 223, 224, 234, 235, 236

História da ciência 5, 9, 164, 165

Homogeneização 7, 56

Hospitalidade 9, 200, 202, 220, 222

I

Identidade 9, 3, 5, 6, 7, 8, 25, 27, 28, 38, 48, 55, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 76, 77, 80, 81, 86, 87, 128, 131, 133, 136, 177, 192, 198, 199, 201, 225, 234

Imprensa 5, 8, 55, 58, 109, 111, 115, 116, 119, 124, 125, 127, 128, 129, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 142, 144, 146, 148, 149, 150

L

Literatura Generativa 9, 158, 162

M

Memória 5, 6, 7, 24, 26, 51, 52, 53, 54, 55, 64, 86, 107, 110, 112, 115, 122, 123, 124, 126, 133, 171, 172, 187, 196, 197, 198, 200, 229, 234, 236

Metodologia 13, 15, 24, 52, 54, 89, 94, 96, 99, 106, 170, 199, 202, 204, 236

N

Narrativas 5, 8, 9, 20, 27, 58, 59, 60, 65, 66, 76, 77, 83, 86, 92, 93, 126, 128, 201, 202, 204, 211, 212, 216, 217

P

PIBID 5, 7, 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9

Q

Questões étnico-raciais 5, 78, 82

R

Raça 5, 8, 8, 60, 64, 66, 74, 79, 80, 81, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 105, 106

Recife 76, 84, 85, 186, 223, 227, 229, 230, 232, 233, 234, 235

Relatos 9, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 128, 142, 143, 165, 202, 204, 205, 210, 222, 223

RELATOS 8, 89, 92

Representação 7, 27, 54, 56, 57, 58, 61, 62, 63, 69, 80, 91, 94, 96, 134, 180, 215, 217, 225

S

Sabores 9, 182, 193, 194, 196, 197, 199, 200, 201, 215

Século XIX 9, 87, 223

Sigilo 8, 150, 153, 156

T

Técnicas 9, 37, 45, 61, 79, 99, 160, 161, 171, 176, 177, 179, 180, 195, 196, 197

Tecnologia 5, 9, 51, 70, 153, 156, 158, 159, 167, 171, 172, 173, 174, 176, 177

Trabalho 9, 3, 5, 8, 11, 13, 16, 17, 18, 19, 23, 24, 28, 29, 30, 32, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 48, 49, 52, 56, 57, 58, 59, 61, 63, 64, 74, 76, 77, 78, 83, 95, 96, 97, 98, 99, 102, 103, 104, 105, 109, 111, 116, 125, 126, 132, 135, 136, 138, 139, 140, 142, 148, 154, 164, 165, 167, 168, 171, 172, 174, 176, 177, 180, 182, 183, 184, 187, 189, 190, 191, 193, 195, 199, 207, 224

W

Wakanda 8, 68, 69, 75

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 @atenaeditora
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 3

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 3